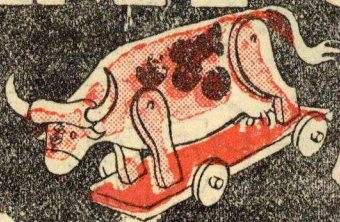


# PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII  
N.º 662



## AVENTURAS dum GATO

por ROSA AMELIA TOSCANO

**V**OU contar-vos a história de um gato, que não é maltês, não toca piano, nem fala francês. É, enfim, um gato vulgar, português legítimo, nascido em Lisboa no dia 14 de Agosto de 1933. Ora, como esta data

é o aniversário da batalha de Aljubarrota, a qual se deu a 14 de Agosto de 1385, pôs-se ao gato o nome de Guerreiro. O nosso herói, não sei se pelo nome, se por próprio feitio, era um grande revolucionário. Na cozinha, as batatas, as cebolas, os feijões andavam num reboligo constante, sempre que o Guerreiro lá estava. Trepava pelos cortinados acima, rasgando, espantando, enfim: — fazia trinta por uma linha. Por mais que os donos fizessem por ensiná-lo, não havia meio; era incorrigível!

Já farto de rasgar, partir, desembulhar carrinhos de linhas, virar o açafate da costura do avêssio, roubar da cozinha bons bifes ou peixe fresco, sempre que a cozinheira se descuidava,

subir pelas prateleiras, trepar para cima das mesas e outras diabruras idênticas, logo que atingiu a maioridade, isto é, os cinco anos de idade, que para os gatos representa a sua independência individual, perdão, gatal, resolveu ir correr terras sem destino, só pelo prazer de ver coisas novas.

Ora, como os donos, dado o seu feitio aventureiro, tinham muito cuidado com as portas (não fôsse o Guerreiro fazer guerra aos gatos vizinhos e pôr os donos de relações cortadas, foi-se recostar no peitoril da janela, a pensar na forma como havia de começar a sua jornada. Estava o Guerreiro todo entregue às suas reflexões, quando, num momento de distração, olhou em frente e viu, parada, uma camioneta de passageiros, com muitos cestos em cima, mesmo ali ao alcance dum salto, daqueles que ele tão bem executava nos seus ensaios de ginástica. Espreguiçar-se três vezes, dar um *rinhau... nhau* de despedida, formar um salto do segundo andar para a camioneta e instalar-se em cima desta, foi obra de poucos minutos. Uma vez ali instalado, tratou logo de fazer das suas.

Andava êle todo entregue às suas aventuras, saltando de cesto para cesto, quando a camioneta iniciou o seu andamento, que se prolongaria até ao Porto. Estremeceu de susto, fez um *pfift* terrível, todo açanhado, e acabou por se con-



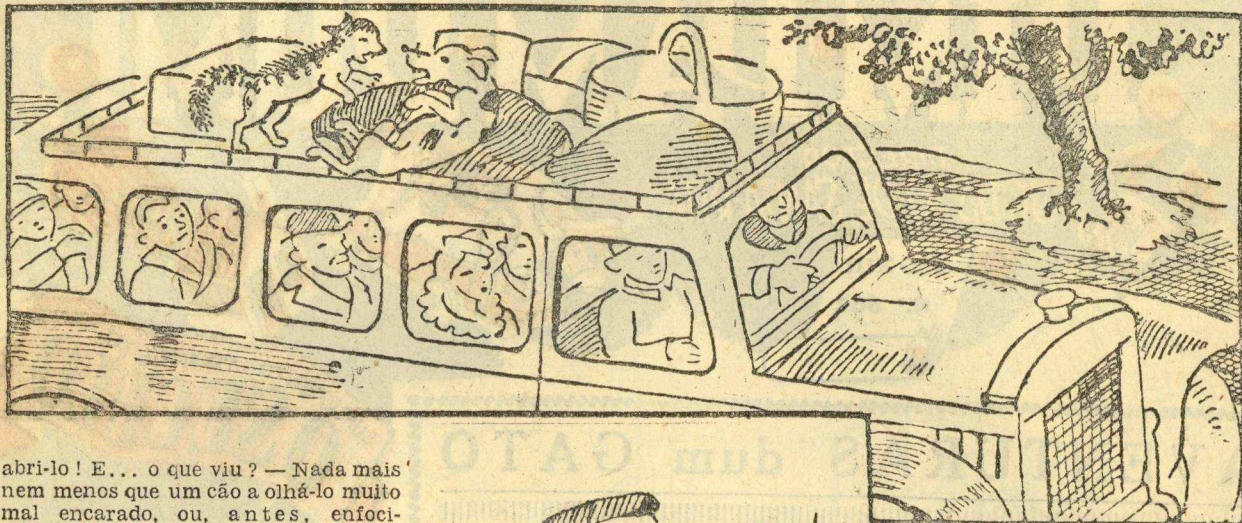
formar, quando começou a ver coisas que nunca tinha visto.

Logo que se refez do susto, tratou de procurar qualquer coisinha que lhe agradasse. Depois de conseguir abrir um cesto, onde encontrou bom farnel, constituído por carapau frito, costeletas de cabrito e outras coisas que muito lhe agradavam, comeu o que lhe apeteceu, e deixou o que não quiz. Quando, já satisfeito, se dispunha a fazer reboligo com toda aquela tralha, espantou-se ao ouvir várias vozes diferentes e que lhe eram desconhecidas, dizer coisas que êle não compreendia, como por exemplo: — «Boa viagem! Até p'rá semana! Uma praia feliz!» e outras frases idênticas.

Estavam em Leiria. Um empregado da camioneta, subiu as escadinhas de ferro, levando um cesto mal fechado, que arrumou, logo por sorte, ao pé do Guerreiro, que estava muito encolhido entre uns garrafões e uns sacos, para que o não vissem. Mal viu que ali já não estava ninguém, e que a camioneta rodava a bom rodar, foi ver se descobria o que vinha dentro do cesto que tanto o intrigava, pois se mexia de vez em quando.

Tanto esgratou que conseguiu





abri-lo! E... o que viu? — Nada mais nem menos que um cão a olhá-lo muito mal encarado, ou, antes, enfocinhado: — «Béu! Béu! Béu!» — «Rinhau...áu...áu... pfft! Mau!» — E pronto; o desafio estava feito. Arranharam-se, morderam-se, andaram que tempos aos rebolões, por cima da camioneta, que ia rodando... rodando... até que parou em Coimbra. Os passageiros estavam intrigadíssimos, em face daquele barulho que se ouvia por cima deles. Subiu, então, acima, o mesmo empregado que lá puzera o cesto do cão, o qual, ao ver ainda enroscados, num sarilho infernal, o cão e o gato, tratou de os separar.

Ao indagar a quem pertencia o cão, e verificando que o gato não tinha dono, fechou aquele dentro do cesto e abandonou o Guerreiro em plena estrada. Estava, assim, terminada a sua viagem. Eu, que por acaso ali me encontrava, achando graça ao ar estupefacto do Guerreiro que, a-pesar-de tudo, não perdeu a linha, fui buscá-lo,



peguei-lhe ao colo, e trouxe-o para minha casa, onde se tem dado muito bem. Está neste momento a meu lado, sentado numa cadeira, a ver-me escrever a sua aventura, que ele próprio me acabou de narrar há poucos minutos



## O ninho de pintassilgos



por JOAQUIM COSTA

**U**M lindo pintassilgo voava alegremente naquela manhã, perfumada, de Primavera. Voou, voou, e, de repente, cansado talvez, veio poisar no ramo duma velha acácia que estremeceu, quem sabe se de contentamento com o peso do gentil passarinho.

Sacudiu a garrida plumagem, olhou o céu, agora iluminado pelo rosicler da aurora e rompeu em melodiosos trinado. Correram mais de mansinho as fontes, para que Deus escutasse melhor o hino agradecido da peque-

nina ave, e a própria brisa ficou-se estática com receio de perturbar o seu divino canto.

Perto dele, veio colocar-se, então, com seu quê de garradice, uma jovem pintassilga, toda airosa, e a cujas penas finíssimas o sol arrancava estranhos fulgores. Sem temor, pôs-se a olhá-lo, erguendo, de quando em vez, as asas, como a dizer-lhe:

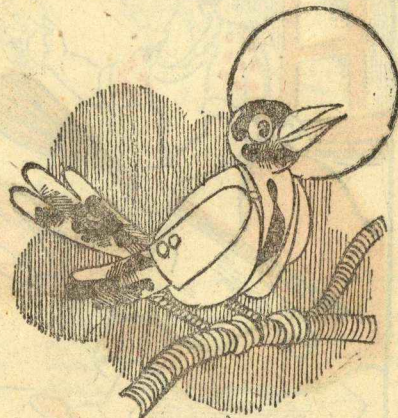
— «Bons dias, senhor pintassilgo!»  
Ele fitou-a também e, de si para si, exclamava: — «Como ela é bonita!»  
Como são graciosos os seus movimentos!...

Que penas tão sedosas as suas! Se eu me atravesses!...

Mas qual, nem pensar nisso! Era muito tímido.

Ela continuava a olhá-lo e a pensar: — «Que gentil é este pintassilgo! Gosto tanto dele que, se não fôsse o meu decoro de donzela, lhe perguntaria:

— «Que fazes aí, olhando-me com tanto enlévo? Porque me não falas?»



# LENDAS DA NAZARÉ

Por JOSÉ DE OLIVEIRA

## JESUS E O MENDIGO



### JESUS E O CÃO

Andava Jesus Menino  
A brincar, em Nazaré,  
Quando notou, ao seu pé,  
Um galgo, de olhar ferino.

la morder no bambino...  
Mas Jesus Deus também é,  
E, tendo em si muita fé,  
Fez, firme, um gesto divino.

Nisto, o cão obediente,  
Se lançou, todo tremente,  
Àqueles pés divinais.

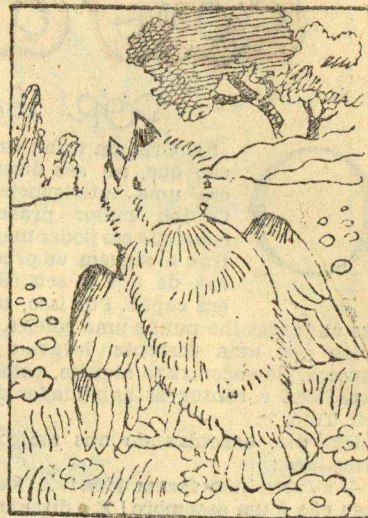
E, logo, com seus latidos,  
Muito trémulos, sentidos,  
Louvou o Pai dos mortais...

Estava Jesus sentado,  
Lá num relvêdo, ao sol-pôr,  
Quando viu passar-lhe ao lado  
Um mendigo do Senhor.

la muito acorcovado,  
Com o bernal, ai que dor!  
Mas Jesus bem educado,  
Pegou nele, com amor.

Já de volta do casebre,  
Onde só ficára febre,  
Foi Jesus direito à Mãe:

— «Venha, Mãezinha, comigo:  
Está morrendo um mendigo,  
Naquela choupana, além!...



### A AVEZINHA DA NAZARE

Uma vez, um passarinho  
Sôbre o Menino voou  
E num silvado poitou,  
A piar junto dum ninho.

Jesus, muito de mansinho,  
Da sebe se aproximou;  
E no chão logo notou  
Um pássaro inda novinho.

Beijando-o, então, ternamente,  
Colocou-o, sorridente,  
Junto ao que estava a piar,

E mais tarde, já crescida,  
A ave passou a vida  
Em Nazaré a cantar...

Não compreendeste ainda que estou  
ansiosa por isso?!

Nada! Mudò, como uma pedra! Va-  
mos vêr se êle me segue...»

E a graciosa pintassilga abriu as  
asas e foi poisar noutro ramo. Então,  
o macho disse, tristemente:

— «Vai-se! Pobre de mim! Teria  
partido aborrecida por lhe não ter dito  
nada? E se eu fôsse até junto dela e  
lhe falasse?! Vamos! Tenhamos cora-  
gem!» E o pintassilgo voou para o  
lado da fêmea.

— «Escuta-me, minha querida!...»  
disse.

Amo-te tanto que temo perder-te  
para sempre! Esta idéa terrível deu-me  
coragem para te declarar todo o meu  
grande amor. Se não voltasse a ver-te,  
a minha garganta emudeceria, o meu  
vôo, outrora rápido, seria lento e pe-  
sado. Sem ti podia a aurora nascer

mil vezes que para mim só existiriam  
trevas e amarguras...

E tu? Serias infeliz não estando ao  
meu lado? Amas-me? Responde?»

A pintassilga voltou: — «Amo-te,  
sim! As tuas palavras encheram o  
meu coração duma ternura infinda.»

— «Acnde queres construir o nossò  
ninho?»

— «Aqui mesmo, nesta velha acácia  
florida, pois foi aqui que nós encon-  
trámos a nossa felicidade.»

E os venturosos pintassilgos, ante o  
altar de Deus, celebraram os seus es-  
ponsais. Depois, muito juntinhos, su-  
biram no espaço, cantando alegremente.  
Voaram, voaram, até que, já cansados,  
foram parar à beira dum regato. Ele  
introduziu a cabecita na água cristali-  
na, sacudindo-a, de forma a molhar  
a companheira, que recebia aquelas  
gotas de água cheia de prazer. Ela

também meteu a sua cabeça na límp-  
ida corrente, para poder assim retri-  
buir a gentileza, molhando, por sua  
vez, as penas do seu amado pintassilgo.  
Brincaram ainda durante muito tempo:  
voando de árvore em árvore, de ar-  
busto em arbusto, de flôr em flôr; e  
quando chegou a noite, envolvendo a  
terra nos seus negros crepes, já êles  
tinham construído o fôfo ninho no  
ramo acolhedor e amigo da velha  
acácia.

\* \* \*

Passaram-se dias. E que ventura  
para ambos! Primeiro tinham sido os  
ovos, pequeninos, engraçados, tão  
brancos e brilhantes que era um en-  
canto olhá-los. Mais tarde, finalmente,

(Continua na página 7)

# Tótó, o famoso cão de caça

por ISABEL AREOSA

O Sr. Crispim tinha um cão que, no seu dizer, era uma inteligência. O seu maior prazer consistia em poder mostrar a alguém as proezas de que o seu cão era capaz. Por isso, todas as tardes lhe punha uma coleira e, prêso por uma corrente, levava-o a passear. Se encontrava alguém, começava logo a contar as habilidades do seu Tótó.

Um dia, encontrando uns amigos, disse-lhes:

— «Vocês não fazem idéa!... Este meu cão é um assombro! É o discípulo mais inteligente que tenho tido. Aprende tudo que lhe ensino. Tem um entendimento verdadeiramente humano.

Ele caça, êle vai ao mar buscar o que se lhe atira, êle salta barreiras... enfim, é o melhor espécimen da raça canina, quanto à inteligência».

Seduzidos pelas descrições do Sr. Crispim, os amigos deliberaram ir, um dia, todos à caça aos coelhos e levar o famoso cão.

Chegados ao campo, procuraram uma toca e puseram-se à espera que o coelho saísse dela. Ao fim de uns minutos de espera, o animalzinho safou do buraco e todos desataram em alta gritaria:

— «Vá, Tótó... á êle, Tótó... agora Tótó... ecse... ecse... ecse... Agarra, Tótó... apanha... apanha...».

Tótó moita. Nem para a frente nem para trás. Encolhia-se todo, gania baixinho e encostava-se ao dono, cheio de medo.

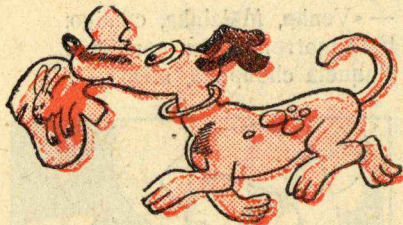
O Sr. Crispim estava danado com o procedimento do seu cão, e animava-o com palavras de incitamento:

— «A êle, Tótó... é um coelho, pois não vês que é um coelho... corre, Tótó...».

Mas Tótó nem via nada nem queria correr. Continuava a ganir baixinho e a baixar a cauda todo medroso.

O coelho sumiu-se, os amigos ficaram-se a rir e o Sr. Crispim, desesperado com o fiasco, deu uma sova no cão:

— «Toma, toma, toma... que é para



a outra vez saberes o que é um coelho.»

Deram por terminada a caçada, visto que Tótó se portara tão vergonhosamente e deliberaram ir almoçar a um restaurante da moda.

Tótó seguia atrás do grupo, cabisbaixo, vexado da sova que levava do dono e jurando naturalmente a si mesmo ser mais diligente para a outra vez.

Logo á entrada do restaurante, destacava-se um belo quadro pintado a óleo, com uma paisagem campestre onde se via um coelho comendo erva. Então deu-se um espectáculo inédito.

Tótó arreganhou a dentuça, rosnou



OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS  
E FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



Aos que vos deram, queridos,  
Da vida o doce calor,  
Tributai, reconhec....,  
Um imenso, eterno am..!

E quando chegue a velhice,  
O poente da existência,  
Em paga damenin....,  
Dai-lhes carinho, assist....

ameaçadoramente, saltou á tela e, ca-trafilando nos dentes o coelho pintado, apresentou-o triunfante ao Sr. Crispim.

Perante a estupefacção geral, o Sr. Crispim brandiu o pedaço de tela rasgada com o coelho pintado, e bradou para a assistência, com vibrante entusiasmo:

— «Eu não lhes dizia?!— Para a caça dos coelhos não há como o meu cão!».

Mas os entusiasmos do Sr. Crispim esfriaram depressa.

Juntou-se gente em volta, acudiu o dono do restaurante, a reclamar uma pesada indemnização pela tela esburacada, que era da autoria dum pintor célebre, foi chamada a policia, e o Sr. Crispim teve de pagar uma avultada quantia por perdas e danos, causados por «Tótó», o famoso cão de caça, «com um entendimento verdadeiramente humano»...

F

I

M

# A ORIGEM DA VÊSPA

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

**Q**UANDO as abelhas começaram neste mundo a sua vida de trabalho e fadiga, num cortiço vivia uma certa abelhinha que dava que fazer à abelha-mestra.

Era crivadinha de defeitos. Mandriona, a mais não ser; toleirona, como mais nenhuma.

Naquele enxame diligente e disciplinado, ela destoava sempre, com os seus modos delambidos, presumidos e a sua tendência para a ralaceira.

Tanto apertava a cintura que já se salientava das outras que não cuidavam em toleimas e só trabalhavam de sol a sol, fazendo cêra e mel.

A senhora abelha-mestra já várias vezes a castigara, não a deixando sugar o nectar das flores.

A lambisgoia zumbia, então, num zumbido arreliante:

— Gosto da vida folgada, não quero trabalhar nada. Estou farta de ser abelha e tenho esta telha que, se não comer, vocês não-de ver que fico elegante bonita e chibante, um lindo animal que não tem rival,

de cintura fina, alegre heroína, do mundo abelhudo, onde tudo, tudo, trabalha à porfia de noite e de dia.

A senhora abelha-mestra não podia admitir mais tempo no cortiço aquela indesejável que tão maus exemplos dava às companheiras.

Consultou o Zângão que, a-pesar-de nada fazer, não via com bons olhos mandriões á roda d'êle.

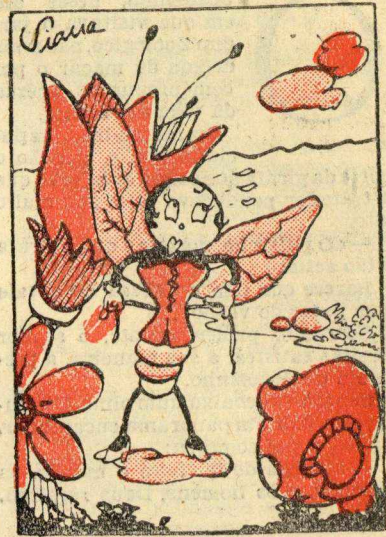
Ao ouvir as queixas da patrão abelha, o seu zumbido disse, furioso:

— Essa abelhinha, senhora minha, não faz serviço, cá no cortiço... Sem mais tardar, que vá gozar a sua vida, tão divertida, mas cêra e mel, essa infiel, lhe digo já, não mais fará.

E um belo dia, quando a abelhinha, que passava horas esvoaçando de flôr em flor, quiz entrar no cortiço, o enxame das abelhas, comandado pela senhora mestra, não a deixou mais penetrar lá dentro.

Á roda dela, zumbia:

— Ralaçona, mandriona, põe-te fora, vai-te embora! O enxame tem vexame duma tal companheira, desleixada, ralaceira. Presumida, delambida, põe-te fora, vai-te embora!



Assim escoraçada, a abelha tratou de fazer vida cá por fora, mas foi em vão que tentou produzir mel e cêra.

Não teve artes para isso.

Muito tempo andou escondida pela folhagem mais espessa dos arbustos, com medo de topar com as outras abelhas trabalhadoras que a tinham deitado ao desprezo.

Passava horas a esticar cada vez mais a cintura, sempre muito presumida.

Quando lhe nasceram as filhas, já não foram conhecidas por abelhas, no reino dos insectos, tão diferentes estavam.

Chamaram-lhes, então, vêsperas e á casa onde moravam tódas juntas, vespeiros.

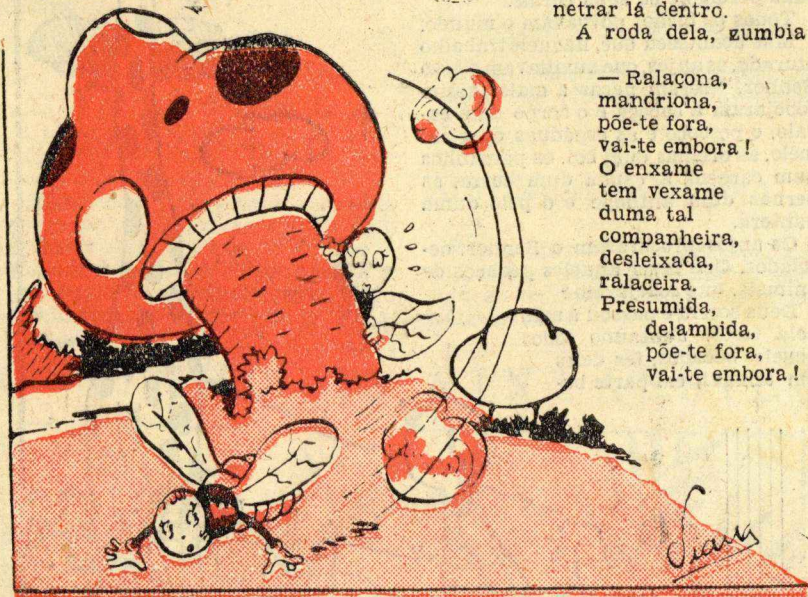
O ódio entre as duas raças nunca esqueceu.

Na família das vêsperas, nasceu, um dia, uma vêspera gigante a que deram o nome de vespão.

Esse grande insecto foi encarregado pelas vêsperas, sempre rancorosas, de vingar a afronta que sofrera a sua antepassada.

Assim se tornou o terror de todos os cortiços porque, ralace e forte, o atrevido inimigo come o mel que as diligentes abelhinhas fazem, á custa de muito trabalho.

F I M



## ANEDOTAS

Num exame de história:

— «Vamos... diga-me o que sabe sobre Napoleão. (Silêncio). Então?! Um detalhe ao menos! É impossível que o senhor não saiba qualquer coisa sobre êsse homem!»

— «Sei, sim... sei que êle morreu.»

Na farmácia:

— «Desejo um entorpecente bem forte; não consigo dormir.»

— «É para o senhor?»

— «Não, é para os gatos do vizinho.»

Num barco:

Ela — «Em caso de naufrágio o que salvaria você primeiro? A minha mala de joias ou a minha pessoa?»

Êle — «O meu corpinho.»

# A LENDA DA GIRAFA

◆ POR MANUEL FERREIRA ◆

**O** Joãozinho, nesse dia em que visitava o jardim Zoológico, não mais deixou de maçar o pai com perguntas, acêrca da vida dos bichos. Despertou-lhe, especialmente, a atenção o porte da girafa que comia erva, erva que o tratador pendurava num pau muito alto.

— «Ó paizinho, porque é que a girafa é tão estica?»

Parece que tem a cabeça do cavalo e as patas do veado...»

Sorrindo, pacientemente, o senhor Freitas satisfez, à sua maneira, a pergunta do Joãozinho.

Sentou-se debaixo dum olmo. Disfrutava-se dali um panorama encantador. Então, o pai começou:

— «Depois de ter feito o mundo, os animais, e os homens, Deus respirou,



nito, em parte feio, ao qual lhe chamou girafa.

Mas onde colocá-lo?

A girafa respondeu prontamente ao criador, desatando a correr para África onde viu todos os animais de que fazia parte. Mas custava-lhe tanto a baixar o pescoço e fazia figura tão ridícula, que Deus determinou que nos domínios da girafa houvesse árvores, muito altas, para ela se alimentar. Como a água era precisa para os outros bichos, a girafa não teve outro remédio senão baixar o pescoço, afastando as pernas.

E, desta forma, como tu viste, a girafa tem a cabeça e o corpo do cavalo, o pescoço do camelo, as orelhas do boi, os pauzinhos do caracol, a cauda do burro, as pernas do antílope e o pêlo da pantera.

F

I

M

No continente amarelo, tigres magestosos rondavam entre bambus e cobras de capêlo dormiam, consoladas, ao sol do oriente. Nas ilhas da Oceania, cangurús e aves do Paraizo, as mais lindas que vieram da mão de Deus. O mar sussurrava lendas.

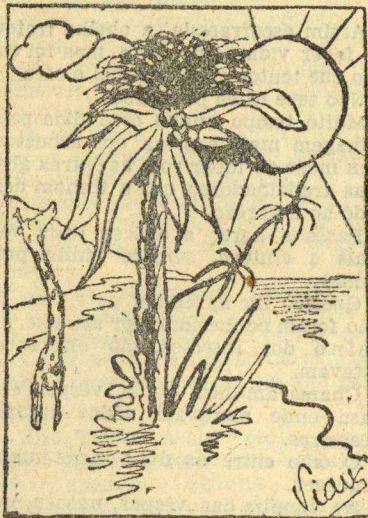
Até o oceano sem fim, que depois foi dado aos portugueses, mostrava os seus peixes fosforescentes, as suas plantas extranhas, os seus monstros, as suas pérolas e os seus corais.

Todos os bichos povoavam o mundo.

Mas aconteceu que, naquele trabalho aturado, os anjos, que auxiliavam Nosso Senhor, fizeram peças a mais. Assim sobejaram a cabeça e o corpo dum cavalo, o pescoço e as espáduas dum camêlo, as orelhas dum boi, os pauzinhos dum caracol, a cauda dum burro, as pernas dum antílope e o pêlo duma pantera.

Os anjos procuraram o Senhor, desolados. Que fazer àqueles pedaços de animais, que sobejaram?

Deus sorriu e passou a mão pela testa. Juntando todos aqueles bocados, fez deles um animal, em parte bo-



satisfeito. Havia enchido a terra de beleza e maravilha.

A Europa, com as suas montanhas de neve, debruçava-se sobre o mar.

Ursos, veados, cães e gatos saltavam por todos os lados, em descuidada indiferença. Nuns lados ferviam vulcões, noutros, branquejavam gêlos eternos.

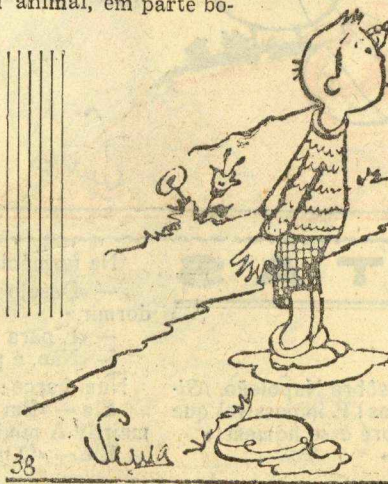
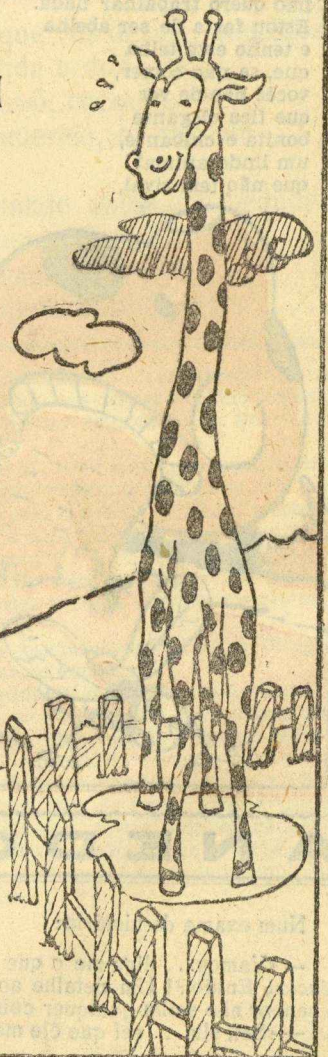
Em determinado local, Deus juntou, num canteiro lindo, toda a verdura dos prados e o sussurro das fontes...

— «Portugal?»

— «Sim, Joãozinho.

Mas deixa-me continuar. Na Africa, os desertos contrastavam com a exuberância dos trópicos: Animais, uns monstruosos, como rinocerontes, outros elegantíssimos, como gazelas, atravessam a selva com lentidão ou em saltos vertiginosos. Nos rios, alguns bicharocos extravagantes nadavam entre a vegetação que sombreava as margens.

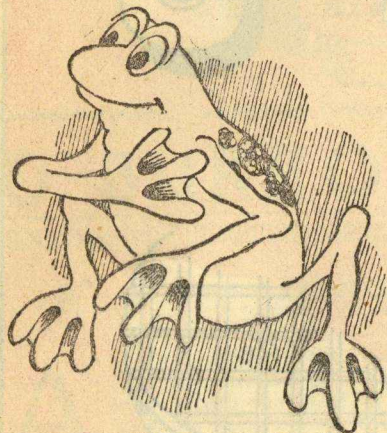
A América, com as suas pampas, mostrava, na altura do Equador, o mais denso verde que aves de sonho salpicavam de côres lindas.



# CURIOSIDADES A NOSSA CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

## AVENTURAS DE UMA RA

Um cidadão americano que matou uma grande cobra, teve a surpresa, ao abrir-lhe o corpo, de lhe encontrar no



papo uma rã inteirinha mas ainda com vida.

A sua surpresa foi maior ainda quando o batráquio, uma vez na água, se pôs a nadar com toda a sua desenvoltura.

## ORIGINAL DUELO

Outros dois americanos, querendo saber qual dos dois era o mais ágil, decidiram bater-se em duelo, utilizando ovos como projéteis. Colocaram-se a vinte passos de distância um do outro e empregaram uma dúzia de projéteis.



Mas a emoção era tão grande que o três primeiros atingiram os... expectadores.

## ADIVINHA

*Solução do número anterior*

O menino, está bem de ver, chamava-se Jorge.

## PASSATEMPO

*Solução do numero anterior*

Afinal o Matias não pescou nenhuma baleia, mas sim um formidável tubarão.

Hein!...

## ADIVINHA-PROBLEMA

Por motivo de falta de espaço só no próximo número poderemos dar a solução da que foi publicada no número anterior.

## INSTRUÇÕES

É na execução dos «rissóis» que se revelam as grandes qualidades culinárias do célebre cozinheiro Matias Pequeno.

Aqui o temos na altura de estender a massa para os ditos «rissóis» ou, antes, tê-lo-hemos se o leitor quiser construir esta armação e certamente quererá, pois se trata duma construção muito engraçada.

Preparem-se, pois:

Colem a peça principal em cartão; os braços e o tronco em cartolina forte. Segurem, agora, com uns *aiaches*, ou fios, como já ensinei, os furos AA e BB, não sem meter primeiro a patilha na ranhura que se vê na perna do homem. Em seguida, abram a ranhura da mesa e prendam-lhe lá as mãos do cozinheiro por meio de furo G, de forma a correrem facilmente e a darem a impressão do estarem estendendo a massa.

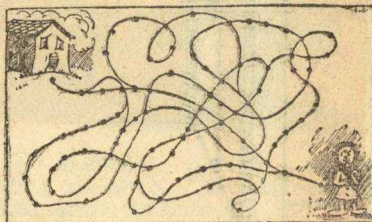
Depois... depois... fica pronta a reinadia construção.

E até à vista.

## LABIRINTO

O Quim foi dar um passeio pelo campo e, depois de algumas voltas, quiz regressar a casa.

Pois aqui é que foi o sarlho!



Ele esqueceu-se dos caminhos que percorreu e só se lembra que: naqueles atalhos todos, encontrará 35 árvores, representadas no desenho por pontos.

Serão os leitores capazes de, do sítio onde está o Quim, chegarem a casa, contando 35 árvores certas?

## O NINHO de PINTASSILGOS — (Continuado da pág 3) —

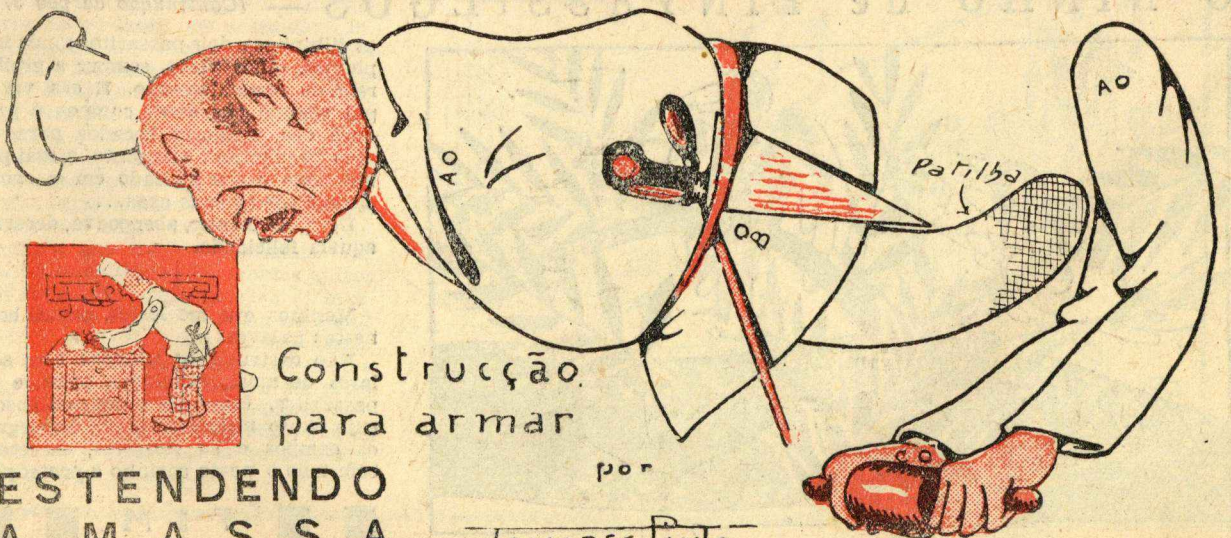


os filhinhos—dois passaritos ainda impumes, olhos vivos, sempre a pipilarem de contentamento. E era ver o pai voando por esses campos à procura dos melhores bocados para os seus pequeninos, enquanto a mãe punha todo o seu cuidado em os alcançar sôb as suas asas...

Deus, lá do alto, abençoava, decerto, aquela felicidade.

Meninos que me lestes, pensai bem nestas palavras:

Não destruíeis os ninhos! Eles são lares de amor, graciosos, belos, e os passaritos, êsses seres maravilhosos, cujo canto melodioso enche de alegria os campos e as florestas, merecem bem todo o nosso carinho e protecção.



Construção  
para armar

ESTENDENDO  
A MASSA

por  
TAVARES PINTO.